**Fundação Universidade Federal do ABC**

**Pró-Reitoria de Pesquisa**

Av. dos Estados, 5001, Santa Terezinha, Santo André/SP, CEP 09210-580

Bloco L, 3ºAndar, Fone (11) 3356-7617

[iniciacao@ufabc.edu.br](mailto:iniciacao@ufabc.edu.br)

Projeto de Iniciação Científica submetido

para avaliação no Edital: 04/2022

Título do projeto: Tecnologias pandêmicas: os desafios das negociações afetivas na socialização de jovens entre o real e o virtual

Palavras-chave do projeto: educação; gênero; tecnologias; juventude; pandemia; estudos culturais.

Área do conhecimento do projeto: Filosofia

**Sumário:**

Resumo …………………………………………………………………………… 2

Introdução e Justificativa ………………………………………………………... 3

Objetivos …………………………………………………………………………… 8

Metodologia …………………………………………………………………….…. 9

Cronograma ……………………………………………………………………….10

Referências …………………………………………………………………………11

1. **Resumo**

O mundo em um contexto pós-pandêmico[[1]](#footnote-0) se desenvolve a partir das intensas mutações experienciadas com o isolamento social e com as novas necessidades sociais resultadas do uso intensivo de tecnologias. Nesta iniciação científica, estudaremos a intersecção entre educação, gênero e tecnologia. Buscaremos compreender como os jovens vivenciam as suas experiência afetivas em mediação com os aparatos tecnológico. O recorte da pandemia nos interessa por conta da virtualização em massa das formas de sociabilidade, o que aprofunda manifestações que já vinham se desenvolvendo anteriormente. Para realizar esta pesquisa, iremos percorrer três movimentos de estudo: primeiro, entender a relação entre real e virtual e as tecnologias como formadoras de subjetividades; segundo, a partir do conceito de "tecnologia de gênero", vamos conhecer pesquisas empíricas sobre o uso dos aplicativos de relacionamento e como estes exigem (in)tensas negociações afetivas; terceiro, vamos estudar dois importante materiais sobre a relação de jovens e tecnologia. Com isso queremos testar algumas hipóteses sobre como as tecnologias de sociabilidade de tornaram, elas também, "pandêmicas", no sentido de afetar profundamente os modo de vida contemporâneos.

1. **Introdução e justificativa**

Com a pandemia do novo coronavírus e a obrigatoriedade da quarentena, a tecnologia passou a fazer parte de um modo muito mais intensivo do mundo das pessoas. No caso dos jovens, especialmente aqueles em idade escolar entre 12 e 18 anos, as tecnologias de interação social foram as principais ferramentas utilizadas para manter tanto os vínculos sociais quanto as atividades escolares ou acadêmicas. Ferramentas como Google Meet, Classroom, Moodle, RNP (software livre) foram utilizadas em massa para garantir a manutenção das atividades. Também as redes de relacionamentos sociais como Facebook, Instagram, Twitter, Tinder etc., tornaram-se centrais para que a vida social seguisse, apesar de tudo, de modo virtual.

Assim, uma nova forma de se relacionar foi intensificada. Uma vez que não era mais possível manter a vida social como antes da pandemia da COVID-19, e pela necessidade de reclusão entre das pessoas, fortaleceu-se um modo de vida em que as experiências de sociabilidade se fizeram na intersecção entre um mundo virtual e o real. Com uma tentativa de se aproximar de amigos, de familiares, do trabalho, do consumo, etc., houve o aumento significativo do uso de redes sociais durante praticamente os dois anos inteiros de 2020 até os primeiros meses de 2022. E tudo indica que essas ferramentas passarão a fazer muito mais parte da vida das pessoas a partir de agora.

O uso intensivo de redes sociais pode acarretar consequências muito diversas. Por exemplo, o sentimento de não pertencimento a algo (grupo, escola, comunidade, família, amigos, etc.) leva jovens a questionar o papel que exercem em uma sociedade pós-quarentena. Em ambientes escolares, a falta de convívio social corrobora a constituição de uma sociedade que não consegue lidar com os próprios sentimentos e com os conflitos com os outros. Lembramos também que a pandemia e a quarentena foram fatores que intensificaram doenças relacionadas à saúde mental, como depressão e ansiedade (como indica o artigo "Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic", publicado na revista "The Lancet", de 2021).

Logo, este projeto surge da vontade de pensar algumas implicações e consequências do uso intensivo de redes sociais como forma de sociabilidade, especialmente a partir do recorte temporal da pandemia. Com este projeto queremos estudar, pesquisar e entender algumas características sobre o que aconteceu neste período. O recorte temporal marcado pela pandemia faz desta pesquisa um trabalho sobre o contemporâneo e pretendemos mobilizar textos teóricos que nos permitam pensar mais amplamente a relação entre tecnologia e formação da subjetividade, ao mesmo tempo que mobilizaremos materiais específicos sobre esse período. Acreditamos que estudar como a pandemia do novo coronavírus impactou na formação dos jovens que precisaram viver em completo isolamento social e apenas com o uso da tecnologia a fim de socializar com outras pessoas, nos parece essencial para compreender se e como o uso de redes sociais afeta as maneiras de viver e as visões mundo dos jovens.

Neste sentido, o trabalho de pesquisa de Sherry Turkle, professora de Estudos Sociais de Ciência e Tecnologia do MIT, mesmo tendo sido escrito antes da pandemia, nos permite pensar algumas questões importantes, como a relação entre mundo real e mundo virtual. Na entrevista “Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual” (1999), ela relata que o uso de tecnologias não deve opor ou separar aquilo que entendemos por virtual e real. Pensar sobre isso será um dos momentos desta pesquisa.

Uma outra pesquisadora muito importante para nós será Larissa Pelúcio, que vem lidando com as questões do mundo "virtual" dentro das pesquisas em antropologia. Larissa Pelúcio estuda as transformações nas vivências afetivas e na sexualidade a partir do uso de aplicativos de relacionamento. Em sua longa pesquisa, ela entende que “a portabilidade [de smartphones], inegavelmente, agrega muitos benefícios, mas traz consigo uma carga considerável de urgência de coisas que, de fato, podiam, até há bem pouco tempo, serem adiadas e até mesmo evitadas. Inclusive, nos poupando de gerar mais ansiedade e problemas ao nos precipitarmos a darmos uma resposta *just in time*" (Pelúcio, 2020). Com a pandemia da COVID-19, o uso de *smartphones* foram usados de forma que “[...] as mídias digitais e seus suportes estão mais disseminados e acessíveis e isso também tem um efeito na forma como ela é apropriada pelas pessoas. E também como podemos vivê-la, uma vez que a interdição desta vez é de termos contatos físicos próximos com pessoas que já eram nossas conhecidas, aliás, mesmo com aquelas que são da família.” (idem, 2020).

Apesar de a pesquisa de Pelúcio não ser exatamente com jovens, ela oferece importantes discussões metodológicas sobre pesquisas qualitativas na Internet e apresenta alguns eixos para pensar o que está em questão nessa forma de interação. Deste modo, atravessar seus trabalhos será fundamental para nós. Queremos com isso não apenas conhecer como se faz pesquisas empíricas na internet, mas também pensar os afetos contemporâneos mediados por essas tecnologias. Dentro ainda deste escopo, onde os aplicativos são entendidos como "tecnologias de gênero" (conceito central para estas pesquisas), vamos também estudar os trabalhos do pesquisador Richard Miskolci que, junto com Larissa Pelúcio, nos oferece material suficiente para discutir esse tema: tecnologia, sexualidade, afetos e formação das subjetividade a partir do uso de aplicativos de relacionamento.

Para a escrita deste projeto, encontramos ainda outro material que trabalha a questão dos aplicativos. Segundo Nancy Jo Sales, em seu relato pessoal apresentado no livro “Nothing Personal: My Secret Life in the Dating App Inferno”, de 2021, ela conta que, ao ser questionada em uma entrevista referente ao uso de aplicativos de relacionamento, realizou pesquisas que mostram que indivíduos menores de idade, que supostamente não deveriam utilizar estas redes, são bastante ativos nestes sites. Segunda ela, “ela [menina entrevistada por Jo Sales] tirou o celular dela da bolsa e começou a me mostrar [o Tinder], e começou a deslizar me mostrando como funcionava [o aplicativo]. Ela tinha 16 anos e estava conversando com caras de 30 anos. Além disso, estes indivíduos ainda fazem perfis falsos e entram nesses aplicativos. Com isso, temos os estupros e abusos sexuais. [...] é necessário que exista uma forma de checagem de idade. Os [donos dos] aplicativos não querem fazer isso, porque acarretará em custos maiores” (Sales, 2021). Ou seja, neste livro ela mostra alguns desafios para a formação de jovens na época dos aplicativos. Como forma-se afetivamente e sexualmente uma pessoa adolescente quando as interações se dão por meios dos aplicativos? O que muda? O que abre de novidades? Quais maiores desafios para os jovens em formação?

Uma primeira hipótese é que a pressão social construída através das redes sociais faz com que um padrão de corpo ou identidade ou de desejo seja imediatamente assumida (e consumida), com uma difícil negociação para a intimidade. Como todo padrão, é sempre impossível de se alcançar, o que pode estar relacionado com a intensificação do uso de procedimentos estéticos a fim de aproximar-se de tais padrões inatingíveis. Seria o uso de filtro de "harmonização facial", e alteração de características físicas um fator a se levar em conta numa pesquisa como essa? O que podemos pensar a partir disso? Segundo o documentário da HBO, “SWIPED: Hooking up in the digital age”, dirigido pela mesma jornalista acima citada, Nancy Jo Sales, a “cultura da Barbie e do Ken” atrapalha jovens que estão em constante mudança bio-fisiológica devido à passagem da puberdade para a idade adulta e coloca em cheque um elemento fundamental como a autoestima. Logo, jovens estão buscando um padrão inexistente e a impossibilidade de alcançá-lo traz problemas com a necessidade de aceitação gerando novos casos de depressão e ansiedade.

Dentro de um ambiente escolar, a socialização, mesmo que de forma indireta, é efetivamente "trabalhada" entre jovens, já que todos são obrigados a lidar com indivíduos diferentes e aprender a lidar com confrontações e, consequentemente, resolvê-las. Entretanto, quando trata-se de milhares de jovens aprendendo apenas a lidar com outros indivíduos através da Internet, o que acontece? Será que esses jovens, ao criarem suas próprias "bolhas" de conexões virtuais, desaprenderam a lidar com conflitos? O que significa viver dentro de uma "bolha virtual"? Como isso aparece no espaço escolar e nos conflitos "reais"? Como entender algumas das causas e consequências do “cyberbullying”? Como a escola pode lidar e vem lidando com isso?

Para pensar sobre estas perguntas, que cruzam jovens, afetos e tecnologias de redes sociais, iremos trabalhar a partir de dois materiais tomados como ponto de partida. Outros poderão ser adicionados ao longo do trabalho.

Na obra de Hugo Monteiro, “A geração do quarto: Quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar" (2022), o autor realiza pesquisas com crianças e adolescentes de 11 até os 18 anos de idade a fim de compreender como esses jovens indivíduos lidam com os próprios sentimentos. O uso do termo “quarto” é uma metáfora que pode ser entendida como um lugar vazio, fechado e, até mesmo, seguro uma vez que não possuem contato com inúmeras pessoas e, além disso, onde essas crianças vivem e viveram a maior parte do tempo durante o período de pandemia. Em um dos relatos coletados, Monteiro escreve: “As meninas e os meninos que conversam comigo me disseram que se sentem ‘sozinhos’, que sentem ‘um vazio’, que não gostam ‘de si mesmos’, que estão em ‘desespero’ e que preferiam ‘morrer’." (Monteiro, 2022). Este livro será muito importante nesta pesquisa. Além de ele ter sido elaborado e pensado no contexto da pandemia, o texto traz muitos discursos de jovens onde percebemos o papel fundamental das tecnologias e das redes sociais em suas vidas. Uma das coisas que chama atenção sobre a "geração do quarto" (que o autor conceitua de modo bastante preciso) é a recorrência dos cortes corporais. Jovens se cortam e se machucam quando estão em estado de sofrimento. Seria isso uma tentativa de recolocar o corpo num mundo completamente virtualizado? É uma forma de traduzir numa escrita corporal um sofrimento psíquico? Há alguma relação entre esse corpo e a ausência de corpo nas formas de socialização virtual? Estas são algumas das perguntas que o autor deixa para a gente[[2]](#footnote-1).

Para dar conta desta discussão mais específica sobre juventude, iremos trabalhar também um segundo material: o livro "O adolescente e a internet: laços e embaraços do mundo virtual", que é resultado da pesquisa realizada por Cláudia Prioste, de 2016. O livro apresenta os principais resultados de uma pesquisa empírica sobre a relação do jovem com a Internet, analisando os possíveis efeitos do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS) na constituição do sujeitos contemporâneos. A pesquisa foi feita dentro do espaço de tecnologia de uma escola pública do Estado de SP e procurou conhecer os hábitos e interesses dos jovens no ciberespaço, assim como o modo como as redes sociais, os jogos on-line, o cibersexo interferem em suas vidas, considerando inclusive o papel da escola e da familia nesse processo. Assim, esse livro vai nos ajudar a pensar os problemas, mas também oferecer um bom exemplo de uma pesquisa empírica com jovens e tecnologia, que queremos conhecer. Sendo este um projeto de IC, não temos o objetivo de realizar uma pesquisa empírica qualitativa neste momento, mas sim mapear as diversas possibilidades para criarmos, como resultado, um arquivo, um mapeamento de possíveis metodologias de pesquisa.

1. **Objetivos**
   1. **Objetivo geral**

O objetivo deste projeto é pesquisar, mapear, estudar e sistematizar uma bibliografia que nos permita pensar sobre o impacto e as consequências do uso intensivo das tecnologias de redes sociais na formação dos jovens. Sabemos de antemão que não se trata apenas de uma questão de tecnologia como técnica, mas sim de toda uma reestruturação dos laços sociais e das formas de sociabilidade que está em questão. Após dois anos de isolamento intensivo da população em virtude da pandemia de COVID-19, acreditamos que este seja um momento oportuno para lidar com essas questões.

* 1. **Objetivos específicos**

Um primeiro objetivo específico é delimitar as principais questões dentro do debate sobre o papel das tecnologias de redes sociais a partir do uso dos aplicativos de relacionamento. O trabalho em torno deste recorte permitirá pensar as difíceis negociações que as pessoas estabelecem entre seus desejos nas plataformas online. Além disso, queremos saber como pesquisadores vêm fazendo pesquisas de campo qualitativa em ambientes on-line. Além das metodologias de pesquisa em internet, alguns conceitos teóricos fundamentais precisarão ser trabalhados, especialmente a questão da relação entre real e virtual e o conceito de "tecnologias de gênero", uma vez que os aplicativos de relacionamento são entendidos como tais pelos e pelas autores que vamos estudar.

Um segundo objetivo específico é mapear conceitos e metodologias, mas desta vez especificamente dentro dos estudos de interface entre juventude e tecnologia. Dos textos selecionados como base desta pesquisa sabemos que os jovens criados "dentro" dos espaços das tecnologias digitais deste pequenos vivenciam o mundo digital de forma que outras gerações não viveram. Queremos estudar estes materiais para apresentar os principais eixos de problemas.

Por fim, o terceiro objetivo, será resultado do cruzamento ou da intersecção dos dois anteriores. Acreditamos que a vida afetiva é um elemento fundamental da vivência de jovens. Assim, o que os estudos sobre uso de aplicativos e afetos pode nos ajudar a pensar sobre o modo como os jovens estão iniciando suas vidas afetivas na era da tecnologia digital massificada especialmente após os anos de isolamento social devido a pandemia de COVID-19? O que a escuta atenta destes jovens pode nos ensinar também sobre o nosso mundo, de modo a sermos capazes de problematizar suas estruturas sociais mais naturalizadas? O que a ansiedade de um jovem tem a nos ensinar sobre os rumos estamos tomando como sociedade? E o que podemos fazer com isso?

1. **Metodologia**

Para o estudo em desenvolvimento, teremos como base a tecnologia em dois campos, sendo eles, a educação e os estudos de gênero, uma vez que queremos pensar sobre o tema da formação da sensibilidade e dos afetos em jovens que usam tecnologias digitais constantemente no mundo contemporâneo, especialmente após o longo período de isolamento social imposto pela pandemia. Para isso, a noção de "tecnologia de gênero" se destaca como um ponto de partida fundamental para nós. Vamos trabalhar com ela a partir dos textos de Larissa Pelúcio e Richard Miskolci, uma vez que eles entendem os aplicativos de relacionamento social (e podemos inserir nisso também as redes sociais em geral) como "tecnologias de gênero". Este debate remete ao importante trabalho de Teresa de Laurentis, intitulado "Tecnologias de gênero" (2019), que é a base desta discussão. Outros materiais poderão ser mobilizados nesta primeira etapa da pesquisa, como os trabalhos de Sherry Turkle e Eva Illouz; ou ainda a discussão feita por Nancy Jo Sales em “Nothing Personal: My Secret Life in the Dating App Inferno” (2021) sobre como uso de aplicativos de relacionamentos pode afetar jovens.

O segundo passo será estudar os textos e livros que focam no impacto e nas consequências do uso de tecnologias (ou, de uma sociedade cujas formas de sociabilidade, de trabalho, de linguagem são mediadas por tecnologias), na formação de jovens em idade escolar. Por isso, estudaremos Hugo Monteiro Ferreira (2022) e, também, Claudia Prioste em “O adolescente e a Internet: Laços e Embaraços do mundo virtual” (2016).

Por fim, como resultado, esperamos poder sistematizar as reflexões apreendidas destes estudos na escrita de um texto que não apenas apresenta as ideias dos autores e autoras trabalhados, mas que tira algumas hipóteses sobre os desafios e possibilidades de uma educação para a vida afetiva mediada pelas tecnologias digitais.

1. **Cronograma**

O cronograma das atividades previstas para a realização da pesquisa, que tem duração de um ano, está organizado abaixo, em três principais etapas:

1. Etapa 1 (quatro primeiros meses): Início da pesquisa
2. Início das leituras: aplicativos e tecnologias de gênero
3. Escrita de fichamentos
4. Apresentação dos resultados em formato de texto.
5. Organização do material textual para confecção do relatório parcial.

2. Etapa 2 (quatro meses): Desenvolvimento

1. Segunda etapa de leituras: os jovens e as tecnologias
2. Escrita de fichamentos
3. Análise aprofundada dos principais aspectos das leituras selecionadas;
4. Elaboração do Sumário provisório.

3. Etapa 3 (três meses finais): Procedimentos finais e conclusão

1. Redação da primeira versão e conclusão;
2. Revisão do texto;
3. Redação definitiva;
4. Entrega do Relatório Final.
5. **Referências:**

ALMAS, Almir [et al.]. Pandemídia: vírus, contaminações e confinamentos. Laboratório LabArteMídia. São Paulo: ECA USP, Invisíveis produções, 2020. <https://issuu.com/invisiveisproducoes/docs/pandemidia>

BRIDLE, James. A nova idade das trevas: A tecnologia e o fim do futuro. Editora Todavia, novembro de 2019.

CADERNOS PAGU (44): Dossiê: Percursos digitais: corpos, desejos e visibilidades. Unicamp, Campinas, 2015. https://www.scielo.br/j/cpa/i/2015.n44/

FERREIRA, Hugo Monteiro. A geração do quarto: quando crianças e adolescentes nos ensinam a amar. 1 ed.. Rio de Janeiro: editora Record, 2022.

Global prevalence and burden of depressive and anxiety disorders in 204 countries and territories in 2020 due to the COVID-19 pandemic. The Lancet, Volume 398, Issue 10312, novembro de 2021.

FREITAS, Alexander, PEREIRA, Marine, PISANI, Marilia. [P] de Pandemia: experiência. Curitiba: Editora CVR, 2021.

HARAWAY, Donna. A biopolítica dos corpos pós-modernos: determinações do eu no discurso do sistema imunitário. In: BAPTISTA, Maria Manuel (org.). Gênero e performance: textos essenciais vol.1. Coimbra: Grácio editor, 2018.

ILLOUZ, Eva. Intimidades congeladas: las emociones en el capitalismo. Buenos Aires: Cultura Libre, 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, CABANAS, Edgar. Happycracia: fabricando cidadãos felizes. São Paulo: UBU editora, 2022.

JO SALES, Nancy. SWIPED: Hooking up in the digital age. HBO, setembro de 2018. [Documentário]

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, Nothing Personal: My Secret Life in the Dating App Inferno. Hachette Books; Unabridged edição, 2021.

JONZE, Spike. Her/Ela. 2014. [Filme]

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: Pensamento feminista: conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, pp. 121-156.

MISKOLCI, Richard. Desejos Digitais: uma análise sociológica da busca por parceiros on-line. Belo Horizonte: Editora autêntica, 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. San Francisco e a nova economia do desejo. Revista Lua Nova (91), Abr 2014.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. Revista Estudos Feministas, v. 21 n. 1, 2013.

NAVARRO, Pablo Perez. Histórias da queerentena. Editorial Centro de Estudios Sociales de América Latina (CES—AL.), Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH) de la Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Editora Devires. Cuenca (Ecuador), 2020.

PELÚCIO, Larissa. Amor em tempos de aplicativos: masculinidades heterossexuais e a negociações de afetos na nova economia do desejo. (Tese de Livre- Docente em: Gênero, Sexualidade e Teorias Feministas). Bauru, 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Afetos, mercado e masculinidades contemporâneas: notas iniciais de uma pesquisa em aplicativos móveis para relacionamentos afetivos/sexuais. Revista: contemporânea, vol.6, n.2, Jul-Dez 2017.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. As maravilhas do sexo que ri de si mesmo. Revista: Cadernos Pagu. Unicamp, Campinas, 2016.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. Narrativas infiéis: notas metodológicas e afetivas sobre experiências das masculinidades em um site de encontros para pessoas casadas. Revista Pagu (44). Dossiê: Percursos digitais: corpos, desejos e visibilidades. Unicamp, Campinas, 2015.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_, VASCONCELLOS, Mário F. F. V. Amor em tempos de aplicativo: entrevista com a antropóloga Larissa Pelúcio. Revista Cadernos de Campo, vol. 9, n. 2. São Paulo, USP, 2020.

PRECIADO, Paul Beatriz. Aprendendo do vírus. In: Pandemia crítica, n. 26. N -1 edições, 2020 (a). <https://www.n-1edicoes.org/textos/26>

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. A conspiração dos perdedores: sobre a vida após COVID-19, 2020 (b). In Revista Select. <https://www.select.art.br/a-conspiracao-dos-perdedores/>

PRIOSTE, Cláudia. O adolescente e a Internet: laços e embaraços do mundo digital. São Paulo: EDUSP, 2016.

TURKLE, Sherry, CASALEGNO, Federico. Sherry Turkle: Fronteiras do real e do virtual (entrevista). Revista FAMECOS, v. 6 n. 11, 1999. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3057>

VAN DIJCK, José. The Platform Society: Public Values in a Connective World. Editora Oxford University Press, USA, novembro de 2018.

ZHONG, Bu. Mental health toll from the coronavirus: Social media usage reveals Wuhan residents’ depression and secondary trauma in the COVID-19 outbreak. ScienceDirect, janeiro de 2021.

1. Usamos a expressão "pós-pandêmico" não com o objetivo de afirmar que teríamos superado a pandemia de Covid-19, mas como marcador temporal que implica as mutações profundas importas pela experiência da pandemia. [↑](#footnote-ref-0)
2. No estudo de Juliana Falcão, intitulado "Cortes e cartas: estudos de automutilação" (2021), a pesquisadora apresenta os resultados de um trabalho terapêutico dentro de abrigo para meninas. O livro traz cartas e entende a questão da automutilação de uma perspectiva psicanalítica. Este livro poderá nos auxiliar caso a pesquisa chegue a conclusão de que precisa desdobrar os temas desenvolvidos por Hugo M. Ferreira. [↑](#footnote-ref-1)